

Apontamentos da Assembleia de Julián Carrón
com os finalistas do Ensino Secundário
Milão, 24 de maio de 2013

CANTOS

Negra sombra

Parsifal (Canzone dell'ideale)

Alberto Bonfanti. Boa noite. Antes de mais nada, cumprimento a todos vocês que estão presentes aqui na Aula Magna e a todos os que estão conectados em toda a Itália e no exterior (Lituânia, Portugal, Espanha e Irlanda). Lendo as contribuições que chegaram para este encontro, e também estando com vocês, me dei cada vez mais conta do caráter decisivo daquilo que você, Julián, dizia há três anos aos formandos e que se encontra no texto *A voz única do ideal*, sobre o qual trabalhamos para nos prepararmos para este encontro. Margherita, efetivamente, diz: “Re-comecei a respirar, descobrindo-me criatura e não criadora”. Ou Giulia: “Acho que a escolha universitária carrega consigo a pergunta: quem sou eu?”. Estamos aqui nesta tarde, como já você dizia há três anos, para não travar esta pergunta, para não travar a voz única do ideal. Com efeito, sempre temos a tentação de impedir o alcance de conhecimento que esta pergunta tem: quem sou eu?, o que faço no mundo? A tentação de reduzi-la a: o que devo fazer? Esta pergunta, diferentemente da primeira que gera curiosidade, iniciativa, paixão, frequentemente produz ansiedade, angústia. Então, agradeçamos ao nosso amigo Julián Carrón que, vindo até aqui, nos quer ajudar a fazer este fascinante trabalho pessoal diante desta curva – para usar uma expressão que ele usou conosco no Tríduo Pascal – importante para a vida de vocês.

A minha pergunta é a seguinte: o cansaço característico desses últimos meses de escola pode gerar algo de positivo? De onde se parte? Como se recomeça, com esse cansaço, a ver todos, dos amigos aos pais, até aos colegas de escola, não como um obstáculo para o estudo, mas como ajuda para possuir sempre mais uma alegria e uma letícia já experimentada, sem me deixar dominar pelo desconforto e pelo automatismo do fazer as coisas?

Julián Carrón. O problema aqui é não ter medo de errar. É melhor –disse o Papa – uma Igreja “acidentada” do que uma Igreja parada. Devemos começar a segui-lo: é melhor errar arriscando, porque assim também tomamos consciência mais adequada da resposta. Por onde começaria você? Por que se coloca esta pergunta? De onde podemos tirar uma luz na experiência para responder a esta pergunta quando, como você diz, o cansaço te pega e você não vê o positivo?

Eu devo partir desse cansaço, porque o fato de ter surgido é já sinal de que não posso ficar preso nele. Eu, na verdade, fiz esta pergunta porque não consigo me contentar.

No próprio cansaço começamos logo a perceber algo de positivo: que não posso me contentar. Mas isso tem como única consequência possível entrar em tensão, apertar os dentes e enfrentar a dificuldade de forma voluntarista, ou será que há outra modalidade? Porque tudo se joga aqui. Tantas vezes, quando as pessoas me dizem “está tudo escuro, não consigo ver outra coisa”, eu as desafio sempre. Agora, desafio você: quando olha para a escuridão com seriedade, até o fundo, pode mesmo afirmar que está tudo escuro? Que tudo é cansaço?

Não.

Não sei como, mas todos sempre dizem que não! Por que não?

Porque, por aquilo que eu vivi na minha vida, posso dizer que não.

Ou seja: há algo que nos impede de nos fecharmos e de sufocarmos no *bunker* da nossa escuridão, porque não existe apenas a escuridão. E então a questão é se nós, a partir desta experiência elementar que fazemos, começamos um caminho,

porque a alternativa é muito simples, pessoal: ou a vida é somente escuridão, é somente cansaço, é somente sufoco – e então não há nada a fazer: temos de, simplesmente, de forma moralista suportá-la, sofrê-la, e a única questão é ver quem é que sabe suportar melhor, mas sem interesse algum –, ou há algo que ainda é possível descobrir. Estive recentemente em Moscou para encontrar os nossos amigos, e depois de um início de diálogo, com alguns deles à mesa, me veio em mente começar o encontro com a famosa frase de Shakespeare que tantos de vocês conhecem: “Há muito mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia” (*Hamlet*, Ato I, Cena V). Isto é, tantas vezes, nós – uma vez por cansaço, outras vezes por preguiça, outras vezes por falta de empenho sério com o real – paramos; como se aquilo que víssemos fosse tudo, como se existisse apenas aquela realidade que vemos através do buraco da fechadura; então, parece sufocar. É o que nos diz Shakespeare com a sua genialidade – e tantas vezes vocês viveram isso na própria pele. Então, a questão é se não começamos a viver a realidade com esta certeza: que há mais realidades no céu e na terra do que aquilo que há na nossa filosofia, ou seja, no nosso modo de conceber o real. É preciso uma educação para entrar no real, que é muito maior do que aquilo que, agora, consigo ver. Surpreendi-me com uma das frases que o Albertino leu: “Re-comecei a respirar [não porque ganhou na loteria, não porque tenha ganho uma viagem à volta do mundo, mas] descobrindo-me criatura e não criadora”. Descobrir algo sobre mim ou sobre a realidade começo a respirar; não é que antes não fosse criatura, mas não o havia descoberto. Participar da aventura de descobrir a realidade, de descobrir-nos a nós mesmos, é o início do começar a respirar, do começar a ver o positivo. Mas isto implica que devemos partir da afirmação de Shakespeare: que há mais realidade do que aquilo que eu consigo ver, que tenho de escancarar os olhos, que tenho de me abrir, que tenho de estar disponível para entrar no real esperando aquilo que eu ainda não sei. E qual de nós pode dizer, seriamente, que já conhece tudo? Está vendo? Não convence nem sequer a você mesmo. Quem pode dizer isso? Somente alguém

que não se dá conta do que está dizendo. Quer dizer que há mais realidades no céu e na terra do que aquilo que nós, comumente, vemos. Uma das curvas decisivas do meu caminho humano foi exatamente esta: que aquilo que eu, como vocês – por isso, entendo muito bem a pergunta –, percebia como objeção, a um certo momento comecei a perceber como uma ocasião para descobrir algo, para me descobrir, para descobrir a realidade, para descobrir a pessoa que está diante de mim, para descobrir o valor de uma matéria. E então, no momento em que esta aventura começa, a pessoa começa a encontrar coisas interessantes que a sustentam no caminho, que tornam o cansaço razoável; ou melhor, a pessoa que quer participar da aventura não quer ser substituída por outra, e isso a torna sempre mais eufórica. Mas tantas vezes, já que nós, no início, não o vemos porque parece tudo escuro, prevalece o cansaço. Ontem eu lia uma coisa que Dom Giussani disse – eu lia para mim mesmo, na vida a gente não para nunca de aprender: às vezes, o Mistério chama-nos através de circunstâncias sombrias, escuras, opacas, instáveis (cf. Giussani, L. *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009), e não sabemos por quê. Mas precisamente através delas o Mistério leva-nos a descobrir algo para nos fazer respirar. Experimentem pensar quantas vezes na vida vocês acreditaram que tudo estava fechado e escuro, que não havia nada a fazer, que a vida não valia a pena, que tudo tinha acabado; e quantas vezes, logo que passou a névoa e o sol voltou, vocês tornaram a ver a realidade com toda aquela transparência, com toda aquela plenitude de sentido que, antes, não lhes parecia possível. Então, a questão é se nós não nos deixamos dominar por estas coisas e, leais a este desejo de plenitude que encontramos em nós, mesmo no cansaço participamos desta aventura do conhecimento que nos permite descobrir cada vez melhor as coisas. Porque, na realidade, aprender a viver é uma educação, é uma educação a entrar em relação com a realidade, porque todas as circunstâncias nas quais nos encontramos agora (vocês as suas, como os adultos as deles) são para entender que, quando vocês pensam ter descoberto o universo, na realidade, o melhor está por vir. A questão é que, para descobrir

isso, é preciso participar, é preciso empenhar-se. Por isso lhes digo sempre: esta é uma aventura para audazes, para pessoas que não se contentam com menos do que toda a plenitude para a qual a realidade as convida. Obrigado, cara.

A minha pergunta é esta: no início do ano, nasceu em mim a paixão pela Medicina, por isso comecei a me preparar para o vestibular em que matérias como a química, a física e a biologia são bastante importantes, mas não se aprendem na minha escola; por isso, comecei a estudar muito nesse sentido, preparando-me para o vestibular a partir do meio do ano. Surge aqui o problema: tenho medo de que este estudo seja inútil, porque tira muito tempo à escola, e vejo que tantas vezes é um peso; então parei de estudar para o vestibular e isso me deixou mais livre. Por isso, me pergunto: o que fazer para entender se a minha paixão pela Medicina é somente uma construção minha ou uma coisa verdadeira? Isto é, o que fazer para entender se aquilo que estou seguindo é a voz do ideal ou é somente uma ideia minha ou uma ideologia?

O que nos dissemos durante todo este ano? Que é diante das dificuldades que se vê se uma coisa é verdadeira ou não. Você tem uma paixão, surpreende-se apaixonado por alguma coisa; como sabe se é verdadeira ou se é somente uma construção mental? Se a sua paixão é tão verdadeira, o domina tanto que o torna capaz de sacrifício por aquilo que você quer, você ama tanto a ponto de estar pronto para o empenho. Se você quisesse competir nas Olimpíadas, como poderia reconhecer se é uma construção sua ou se é verdadeiramente algo com o que se preocupa? Se você estiver disponível mesmo a todos os sacrifícios do duro período preparação, às vezes, que não é como tomar um café com os amigos; quantas pessoas que vão às Olimpíadas precisam de meses de preparação. Pelo contrário, uma construção mental não dura, porque lhe falta o fundamento e a razão adequada para durar. Entende? A pessoa que não estuda não tem altos e baixos, somente baixos; quem estuda pode ter momentos de fadiga e pode ter momentos excitantes: “Olha o que eu descobri!”. Todos os que,

minimamente, aqueceram a cadeira (porque alguns que não estudam nem sequer dão tempo de aquecer a cadeira) sabem disso: há momentos em que se vê, de repente, o fruto, e outros nos quais não é possível vê-lo. Por isso, a pessoa deve ter claro o motivo pelo qual estuda, se vale ou não a pena. E ali você descobre se a sua paixão é por assim dizer ou se é verdadeira. E qual é o critério da verdade? Se dura no tempo. Uma amizade é verdadeira se não durar apenas por uma primavera, mas se durar no tempo; uma paixão é verdadeira se durar no tempo; um amor é verdadeiro se durar no tempo; o amor da mãe é verdadeiro porque dura no tempo. Faça-me entender? E assim você descobre que isto é algo que lhe é dado pelo Mistério como inclinação: deu-lhe esta paixão, e esta paixão o sustenta no caminho. Faça-me entender? Isto quer dizer que nós já temos, na nossa experiência, os critérios para saber isso. Quantas pessoas dizem: “Eu, quando crescer, quero ser assim e assado”. Pensam nisso por dois minutos e depois: pufff, desaparece. Depois, mudam e querem fazer outra coisa, depois outra; é obvio que são hipóteses sem consistência. Ao invés, outros persistem, encontram uma energia, e nasce a vontade de dizer: mas, de onde nasce esta energia, quem lhe dá esta energia? É como se a pessoa se surpreendesse com uma capacidade, com uma paixão por aquilo que quer tão grande a ponto de parecer ser ela mesma a sustentá-la no cansaço: “Ah, então é isso mesmo que eu quero fazer”. É surpreendendo isso na experiência que você o reconhece. Em todos nascem ideias e sugestões no relacionamento com a realidade. A uma pessoa agrada um momento de uma aula e diz: “Ah, como gostaria disso”. Outra pessoa vê o futebol: “Como gostaria de jogar à bola”. Todos sofremos os contragolpes, mas depois é preciso submetê-lo à verificação do viver, do passar do tempo. É ali que se vê o que é consistente e o que é fugaz. O que tem fundamento é descoberto dentro da sua experiência: uma paixão é verdadeira porque dura.

Se, depois, no ano que vem, eu me inscrever na faculdade e descobrir que isso, quem sabe, decaiu? Isto é, quem sabe a paixão que eu tive até ali...

Mas, a questão é: o que significa “decai”? Qualquer coisa que você começar a estudar, vai haver um momento no qual “decai”, entende? Vocês não podem pensar... Sendo que vocês não estão no primeiro ano da escola, já fizeram um pedaço de caminho, e viram que existem momentos em que se “decai”. É preciso ver que consistência tem até mesmo esta queda. A pessoa percebe que existem momentos nos quais se sente desencorajada, cansada; mas isto não quer dizer colocar em discussão o que eu quero fazer. Às vezes, a pessoa pode, num certo momento, perceber: “Talvez não seja isto”. Tudo bem, mas você tem de se encher de razões antes de mudar de caminho, porque, do contrário, se a cada ideia que nos passar pela cabeça mudarmos o caminho, não caminharemos nem dois metros e já teremos mudado outra vez; isto não constrói nada. Por isso, é importante que, agora, vocês comecem a considerar, mesmo olhando para trás, o que lhes tocou, o que lhes sustentou, para o que foram dotados; não cheguem ao exame final sem um belo percurso já feito, não se metam a ter que atirar uma moedinha ao ar para decidir entre Matemática e Ciências da Educação. Não, vocês já fizeram um percurso longo no qual já viram muitos sinais. Por isso, o que estudamos na Escola de Comunidade é verdade também aqui: convivência no tempo e atenção aos sinais – diz Dom Giussani em *Na origem da pretensão cristã* – para chegar à certeza sobre algo. Convivência consigo mesmo, com o estudo, com as matérias que estudou; e atenção porque nem tudo agradou do mesmo modo, nem tudo suscitou o mesmo interesse, você não é dotado igualmente para cada coisa. Faço-me entender? Então, quer dizer que vocês já têm uma série de indícios que não foram inventados por vocês, que resistiram no tempo. Comecem por aí, para que não seja o último pensamento que lhes passar pela antecâmara do cérebro a determinar a suas escolhas; é preciso que vocês se deem razões que resistam mesmo quando passarem por momentos nos quais não é tão claro assim. Mas, eu, por que razão estou aqui? Estou aqui porque antes vi isto, isto e isto e cheguei a isto. Depois, pode sempre chegar uma nuvem, a névoa, o momento de dificuldade, como acontece com todos. Mas, isto não

coloca em discussão toda a quantidade de sinais que o levaram até ali. Por isso, digo: convivência no tempo e atenção a todos os sinais que apareceram ao longo do caminho (e estes são muito mais do que os que nós vemos o, porque, às vezes, vivemos sem esta atenção a todos os sinais que a vida já nos deu: vocês têm tantos entre as mãos).

Eu sou sobrinho de um jogador de futebol, e queria ser jogador de futebol...

Você também? Tradição familiar!

Mas, por problemas físicos que surgiram eu não posso ser jogador de futebol. Agora, não sei mesmo o que escolher. Aderir às circunstâncias inevitáveis não é uma redução da minha liberdade?

Depende do que entende por liberdade. O que é a liberdade? Isto é mais difícil do que jogar bola: responder às perguntas.

O que me torna livre é o que responde ao meu desejo de felicidade.

Perfeito! Então, comece com isso, comece a ver o que responder a este seu desejo de felicidade, porque é aí que você poderá começar a abrir o horizonte sobre o que lhe torna livre. Você pode colocar a mão no fogo a dizer que, já que esta circunstância inevitável lhe aconteceu, já não é possível alcançar a felicidade?

Não.

Está vendo? “Há muito mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia”. Frequentemente ficamos presos e pensamos: já que me aconteceu esta situação inevitável, então, eu já não posso atingir aquela felicidade que desejo. A questão é que posso chegar a ela de um modo, segundo um caminho, segundo um percurso, segundo um desígnio, que não é o meu. Se nós paramos ali e pensamos que, já que uma porta se fechou, somos prisioneiros do *bunker*, então começaremos a sufocar. Mas, você pode colocar a mão no fogo e dizer que se tornar jogador de futebol teria sido o caminho da felicidade?

Não.

Nem mesmo isso. Nem mesmo se se tornasse realidade aquilo que sonhamos, poderíamos estar seguros. Por isso, a questão é se nós começamos a entrar na vida com esta abertura, escancarados para ver como o Mistério surpreende através de um caminho que nós nunca havíamos imaginado e sonhado, mas que nos pode levar à felicidade de um modo que ainda não sabemos. A tentação é pensar que, já que não o sabemos, já que nem mesmo podemos entrevê-lo como forma ou como percurso, não seja possível. Mas isto não é verdade

A circunstância inevitável indica algo claro: não dá para passar sem isso. Mas, isto não quer dizer que se fechem todas as outras possibilidades. E se você decidir entrar, de qualquer forma, ali, vai bater com a cara na parede.

Se o que me torna livre me torna feliz, então a minha liberdade está somente no aderir à realidade? Isto é, não queria que fosse um discurso quem sabe muito filosófico, eu digo: se eu não posso fazer o que quero, e o meu caminho de algum modo não foi escolhido por mim, então eu sou livre apenas no aderir ou não aderir àquilo que a realidade me propõe? A minha liberdade está somente nisso?

Não. A sua liberdade é sempre uma possibilidade de escolher. Você, tantas vezes, escolheu tantas coisas e, por isso, alcançou a felicidade?

Depende, nem sempre.

Depende, bravo. Depende. A liberdade não é somente a capacidade de escolha, porque, às vezes, você escolheu coisas que não o levaram a lugar algum, como todos nós; e não é que você seja uma exceção e nós, todos os outros, acertamos sempre, todos já fizemos porcarias enormes! A questão, então, não é tanto – como você diz – a capacidade de escolher. Claro que eu desejo ter a capacidade de escolher para poder aderir à coisa justa quando a encontrar. Por isso, a questão é nem tanto a hipótese que se fechou, mas estar de tal forma aberto, de tal forma atento à realidade que, quando encontrar a coisa justa, você possa aderir a ela! Porque não sou eu que decido o que me faz feliz, nem é você, porque tantas vezes você decidiu, escolheu o que, segundo você, o tornaria feliz

e, no entanto, não o tornou feliz, todos sabemos disso. Não é que nós, como podemos escolher mais avidamente uma coisa, então podemos alcançar o que desejamos; tantas vezes, escolhemos esta coisa, avidamente, com toda a nossa energia, lutamos contra tudo e todos, e depois nos descobrimos com o nada entre as mãos. Então, a liberdade, como me dizia uma universitária, não é apenas a capacidade de escolher, porque mesmo quando eu posso escolher, tantas vezes não alcanço o que desejo. Surpreendo a liberdade em mim quando percebo uma plenitude à qual adiro e que me torna contente. A verdadeira questão é descobrir isto. E, então, quando você a tiver diante dos olhos, decida se quer aderir àquilo que o torna feliz ou, então, a uma outra coisa que não o torna feliz. Este é o problema, e por isso é uma aventura: como podemos, cada um de nós, descobrir o que nos torna felizes para podermos aderir a isso? Porque o poder aderir, se não for para poder aderir àquilo que me realiza, serve para quê? Pelo contrário, você pode estar certo de que aquilo para o que você foi feito existe, de que aquela felicidade da qual sente este desejo existe, porque, do contrário, você nem mesmo teria o desejo. Se você tem este desejo, esta é a prova provada de que existe aquilo a que você está aspirando. É preciso caminhar atentos na vida para descobri-lo. Por isso, Dom Giussani diz que o problema fundamental da vida não é de inteligência, mas de atenção, porque, já que não é algo que nós construímos, que nós alcançamos, mas que descobrimos, a questão é se nós estamos de tal forma atentos a ponto de descobri-lo. A pessoa pode estar distraída e encontrar, quando vai a uma festa para a qual não tinha vontade de ir, a pessoa decisiva para a vida. Ou pode participar num gesto onde encontra algo que nunca havia sonhado e que a torna mais feliz do que todos os seus sonhos. O problema da vida é este: se nós, precisamente porque sabemos tudo o que o coração deseja, estamos atentos aos sinais. Como dizia um grande poeta espanhol, Antonio Machado, de que gosto tanto: “O meu coração dorme? / Não. O meu coração não dorme. / Está desperto, desperto. / Não dorme nem sonha, olha, / os olhos claros abertos, / sinais distantes e escuta / às margens do grande

silêncio” (cf. MACHADO, A. Si è addormentato il mio cuore? In: MACHADO, A. *Solitudini*. Milano: Crocetti Editore, 1997, pp. 54-55). A pessoa chega com toda a sua energia, com toda a sua razão, às margens do grande silêncio; a pessoa experimentou tudo e pergunta: mas, onde está a resposta? Chega o Mistério. O que podemos fazer? Esperar sinais distantes, estar com os olhos abertos, esperando algum sinal da outra margem do grande silêncio.

Lendo o texto A voz única do ideal fiquei particularmente tocado com o terceiro critério: “a necessidade social, ou melhor, a necessidade do mundo e da comunidade cristã”. Mal li aquele parágrafo, fiquei estupefacto e dizia: como faço, eu que tenho dezenove anos, para entender qual é a necessidade do mundo? Claro, há tantos problemas, mas não posso responder a todos. Uma colega minha, conversando com sua madrinha que também era educadora de creche, e lhe relatou uma coisa dramática acontecida na creche, contou que também decidiu ser educadora de creche. Eu, porém, dizia: há mil pessoas que poderiam me contar a sua experiência, e há mil coisas dramáticas por responder. Você citava Shakespeare: este é o meu problema. Então, a minha pergunta é: como eu faço, aos dezenove anos, para entender qual é a necessidade do mundo? E qual é o método para responder seriamente a esta pergunta? É possível que ficar olhando leve, de verdade, a uma resposta definitiva?

Aqui, vou lançar um desafio: se você começasse pela sua experiência, qual seria a coisa que você acredita ser mais decisiva, que você acredita ser a maior necessidade que tem? Porque você não deve imaginar isto, mas deve descobri-lo. Qual é a coisa mais decisiva que você sente necessária para você, para viver?
Penso na situação política.

Esta é a sua maior necessidade? Pense bem. É um desafio !

Sim, é o eu mais gostaria de fazer.

É o que você mais gostaria de fazer. Você ficaria feliz se a situação política se resolvesse?

Para além de ser uma aposta, porque falar de política é um pouco como falar de...

Então?

É!

“É!”. Estão a ver? Estão a ver como no momento em que começam as perguntas a sério, vocês começam a verificar e a descobrir se a ideia que têm sobre qual é o problema fundamental é verdadeira ou não? Se você continuar a fazer isto e verificar cada hipótese que lhe passar pela cabeça, e depois a comparar com a sua experiência... Pergunto outra vez: se se resolvesse a situação política, você estaria mais contente, mais feliz? Bastaria para...?

Não bastaria, porém seria um passo adiante.

Seria um passo adiante. Então, o que é que pode mudar a situação política? Como você a muda?

Partindo das coisas pequenas, penso na escola.

E o que torna possível para você mudar a escola?

Eu estar presente. Estar presente. Mas estar presente não é óbvio: pode estar ou pode não estar. Pode estar presente naquilo que faz, naquilo que vive, naquilo que estuda, com os seus colegas; ou pode se distrair e estar ausente. O que lhe torna presente naquilo que faz?

Se há algo que me interessa e que me exalta, então, eu estou presente.

Claro. Descobriu algo que lhe torna sempre mais presente naquilo que faz? Porque assim você já começa a fazer o caminho que lhe permitirá ver todas as implicações daquilo que disse no início. E começará a ver qual é a verdadeira necessidade que está descobrindo. O método para responder não é assim tão imediato. Digo isto não porque eu queria encerrar a questão agora; é como introduzir a uma capacidade de pergunta, de atenção a todos os fatores que lhe permita responder ao seu desejo. Para mudar a situação, mesmo a política, o que

é melhor que você faça? O que deve estudar? Que concepção de homem você tem? Olhe, por exemplo, como fomos encontrar o Papa; o Papa tem mais presente o mundo, nem que seja um pedacinho, mais do que nós, não? Uma percepção maior da realidade do que você que tem dezenove anos, consegue reconhecer nela, não é verdade? Então: quer entender a necessidade do mundo. E ele disse que o problema de hoje é a crise do humano. E acrescenta: para resolver esta crise não é suficiente fazer uma organização não governamental. Então, você começa a pensar em sugestões e pergunta: mas, o que é esta crise do humano que todos reconhecem hoje (tanto é verdade que se fala da emergência educativa)? Que as pessoas estão confusas, que as pessoas estão desorientadas, que não se sabe de onde começar. Então, o que o mundo de hoje mais tem necessidade, se você começar pelas coisas que o Papa nos disse na semana passada? Atenção! Não é que seja verdadeiro apenas porque foi o Papa que disse; mas é o Papa que, como observador agudo, reconhece de maneira completa uma percepção que todos temos. Então, você começa a perceber qual é a verdadeira necessidade, como pode responder a isto num mundo cada vez mais confuso (porque toda a situação política faz parte da mesma confusão, as últimas eleições italianas nos mostraram isso). Então, você começa a ver qual é a verdadeira necessidade que as pessoas de hoje têm; percebe que nós mesmos fazemos parte dessa necessidade, porque também nós, tantas vezes, estamos desnorteados ou confusos ou desorientados. Do que mais temos necessidade? Então, aos poucos, segundo este método, você começa a se aproximar, a identificar a necessidade. Para compreender a necessidade do mundo e da Igreja você não tem necessidade de um mestrado em Harvard. Você tem o detector lá dentro ! É preciso usá-lo, obstinadamente, sem parar, criticamente, como critério de juízo, diante de todas as hipóteses que lhe passarem pela cabeça: e você vai ver como começará a dar passos. Mas, para fazer isto é preciso que a pessoa se importe consigo mesma, se importe com a realidade, se importe com o mundo, se importe com a necessidade dos homens, se importe com tudo aquilo que

somos. E quanto mais percorrer este caminho, tanto mais verá como, aos poucos, tudo isto se tornará mais claro, e descobrirá qual é a modalidade para chegar a fazer política, se quiser, que caminho poderá percorrer (porque não é que todos, sem uma preparação, podem dar uma contribuição verdadeira para a política, como vemos na situação atual: sem uma preparação adequada, alguns inventam soluções as mais incríveis), e começará a ver qual é a verdadeira necessidade e o que é preciso fazer. Quem sustenta nessa necessidade, nesse caminho? Quem o ajuda a percorrê-lo? E começará a ver outras necessidades mais. Faço-me entender?

Sim.

Então, coragem! Depois, se você partilhar isto com os amigos e vocês começam a dialogar sobre isto, você vai ver como terá mais possibilidade de descobrir a necessidade de hoje da sociedade, do que você imaginava. Mas, é preciso se empenhar, e você tem cabeça, você tem coração para fazer isto.

Posso fazer outra pergunta?

Claro!

Quando você me perguntou se resolver o problema político me satisfaria plenamente, tive vontade responder: num certo sentido, não. Porém, esta seria a resposta para tudo. Então, o que fazemos, devemos nos tornar padres todos nós?

Não. Desculpe-me, Jesus tinha claro para Si qual era a necessidade do mundo?

Imagino que sim.

Alguma ideia, pelo menos, deverá ter tido. Pois bem: chamou todos para se tornarem padres?

Não.

Não. Não é necessário que vocês identifiquem, agora, estados de vida precisos. Pode ser um caminho, mas não é o único, dependerá de toda uma série de fatores. Que é o que dissemos em *A voz única do ideal*: inclinações, circunstâncias, paixões, necessidades do mundo, toda uma série de coisas para

as quais é preciso olhar juntos. O problema não é a ideia de ser padre ou não ser padre. O ideal é fazer aquilo para o que Deus me criou, e isto é o que é preciso descobrir, entende? Por quê? Porque Deus nos fez com uma série de dons, de dotes, para que possamos colaborar com a geração deste mundo melhor que todos desejamos, para que a vida seja mais humana, mais adequada ao bem-estar dos homens; estes dons são para responder à necessidade do mundo. Mas, não quer dizer que a única modalidade seja esta, ainda que não seja excluída.

Obrigado.

A minha pergunta é a seguinte: por que a virgindade é o mesmo que entrar numa posse mais profunda e mais final das coisas? A experiência do matrimônio ocupa, quem sabe, um lugar de segundo plano comparada à vocação do padre ou do Memor Domini que vivem a virgindade desse modo?

Eu já havia começado a responder a esta pergunta, mas vamos retomá-la um instante. Uma vez, perguntaram a Dom Giussani: se Deus é tudo, é preciso dar-Lhe tudo, portanto é preciso ser padre, é preciso ser *Memores*? Sua resposta: “Não, Não, é preciso fazer a vontade de Deus”, que é diferente. Ou seja: a vocação não é decidida por nós, a vocação é dada por Deus, nós devemos estar atentos a todos os indícios através dos quais o Mistério nos fala, para descobrir a qual vocação o Senhor nos chama, porque é assim, respondendo a esta vocação, que poderemos alcançar a nossa plenitude. Porque Deus não nos chama para nos aborrecer; chama-nos para nos levar a uma plenitude do viver, que é também o modo com o qual nós podemos colaborar para o bem do mundo. Por isso, a questão da vocação – temos que ter isso claro – é algo que um Outro decide. Lá por se um Outro a decidir não significa algo mecânico, quase como uma coisa tirânica. Não! Simplesmente o introduz no viver certos desejos, certos dotes, lhe torna presente certas coisas na vida, e você vê que aquela vida, para ser plenamente vivida, solicita uma resposta de um certo tipo, mesmo como forma. Ninguém pode perceber a vocação como algo contra si mesmo, mas como a

plenitude de si a que é chamado. Por isso, a primeira coisa é tiremos da cabeça uma imagem da vocação como se fosse um gesto tirânico que nos arranca a vida; quem pensa assim tem a mentalidade de alguém que não conheceu realmente Cristo. Porque – por pequena ou grande que seja a sua experiência d'Ele –, quando Cristo entrou na sua vida, trouxe-lhe coisas a-mais ou um a-menos?

Trouxe-me um bem.

Um bem. Então, você não pode prescindir disso e pensar que, quando lhe pede algo ou chama a algo, seja para menos do que este bem que você começou a entrever. Pelo contrário, nós fazemos de Cristo um boneco, uma imaginação nossa, e começamos a imaginá-Lo contra a experiência que fazemos d'Ele. Ao invés, se nós experimentamos que cada vez que entra na nossa vida é para um bem, então, nos daremos conta de que também quando nos chama a realizar a vida de uma forma ou de outra é para um bem. Às vezes, a pessoa pode ter mais dificuldade ou, pelo contrário, pode coincidir mais imediatamente com aquilo que lhe vem mais espontaneamente desejar, mas esta é uma questão secundária. Por isso, o que nos desejamos mais do que tudo é estar atentos à modalidade através da qual o Mistério nos oferece sinais – como dissemos, falando da vocação –, para ver qual é a modalidade através da qual o Mistério nos chama. Por isso, não há uma vocação de série A e uma vocação de série B. Isto deve ser apagado do imaginário coletivo. Há a vocação para cada um, própria para cada um, porque o Mistério chama a um relacionamento preferencial com Ele através da modalidade com a qual nos agarra. Explico-me? Depois, nisso há, como vimos, duas modalidades. Uma é que Deus lhe chama colocando diante de você uma pessoa que atrai tanto a ponto de você dizer: “Eis quem me escancara mais ao Destino, que me faz o coração explodir, porque eleva todo o meu desejo de felicidade”; e então esta pessoa faz parte da modalidade com a qual o Mistério leva você à realização, à sua felicidade. A segunda é que o Mistério se torna tão potentemente presente para você que você diz: “Mas, eu não quero perder esta

totalidade”; não porque alguém lhe arranque algo de querido, não, mas por causa de uma superabundância. Assim como a pessoa não poderia casar a não ser por uma superabundância de um relacionamento afetivo, da mesma forma a pessoa não poderia viver a virgindade a não ser pela superabundância que introduz a presença de Cristo na vida. E as duas vocações se apoiam mutuamente: ambas são chamadas a construir o reino de Deus. Por quê? Porque o matrimônio contribui para prolongar a vida e, portanto, para aquele desígnio de Deus pelo qual o Mistério fez o mundo: tornar os seres humanos partícipes da Sua felicidade. Uma pessoa que se casa participa deste desígnio de Deus, que desde toda a eternidade estava tão contente, tão alegre, tão feliz, a ponto de dizer: “Mas, Eu não posso manter esta felicidade só para Mim, quero criar seres com os quais compartilhá-la”. Uma pessoa que é chamada à vocação do matrimônio gera pessoas que podem participar deste desígnio de Deus de torná-las felizes. Mas, o que as tornará felizes? Somente Aquele para o qual o Mistério nos fez: Cristo (“Tudo foi feito por meio d’Ele e para Ele”). Mas existe este Cristo? Sim. Então, Deus olha a comunidade cristã e diz: “Vocês sabem como digo que Cristo existe e é tudo? Escolhendo pessoas que possam testemunhá-Lo, gritá-Lo diante de todos na forma da virgindade”. Cristo existe porque, se não existisse, não seria possível dar a vida a Jesus e estar contentes. E então se entende que a razão pela qual é justo colocar filhos no mundo é porque Cristo existe. E como sei que Cristo existe? Porque existem pessoas que O testemunham para mim até mesmo de forma carnal! Há anos atrás eu li uma pesquisa que me tocou muito: uma das razões pelas quais as pessoas não têm filhos é porque, tanto diziam: para trazê-los a este mundo medonho, é melhor não trazê-los, para trazê-los a este mundo sem sentido, sem significado... Então, a razão fundamental para poder ter um filho, é ter a certeza de que se o coloca num mundo onde ele pode alcançar a felicidade, ou seja, um mundo no qual há Aquele pelo qual vale a pena ter nascido. É isto que testemunha uma pessoa que é chamada à virgindade. Por isso, tem esta função no desígnio de Deus. É algo precioso que alguém possa

sentir toda a paixão que tem pelo namorado ou pela namorada em vista da construção de uma família, e que, ao mesmo tempo, possa ser grato a Deus de ter chamado outros para nos testemunhar, pelo seu simples existir, que Cristo existe, mesmo quando não me recordo disso, mesmo quando não O vejo, mesmo quando estou agarrado, mesmo quando me distraio. Que Cristo existe: que aquilo pelo que vale a pena trazer um filho para o mundo, isto é a felicidade, não é uma quimera, não é um sonho, mas é real, como comprovam certas pessoas que têm como objetivo na vida gritar que Cristo existe, que aquilo pelo que vale a pena nascer existe. Entende? São duas modalidades de colaborar para o objetivo da história que é o reino de Deus, para o qual o Mistério criou tudo: para poder compartilhar com os homens a felicidade que Ele vivia no seio da Trindade, cuja festa celebraremos amanhã.

Bonfanti. Julián, o que me entusiasmou nesta hora de conversa foi justamente a luta obstinada que você nos fez combater entre uma modalidade de submeter a razão à experiência, à minha experiência, um modo de raciocinar à volta de pensamentos, das nossas imaginações. E isto parece verdadeiramente decisivo para mim, fiz os Exercícios para tentar responder às perguntas; e ver como você me corrigiu, como respondeu, é decisivo para nós, decisivo pelo modo com o qual podemos nos ajudar, decisivo como caminho para sermos livres.

Carrón. Eu, antes, não sabia fazer isto, digo isto para encorajá-los a aprender. Por isso, dizia sempre a Dom Giussani, e o repeti tantas vezes desde então: “Eu lhe estarei sempre grato, porque, desde quando lhe conheci, pude fazer um caminho humano”. Para mim, um caminho humano é este: que a pessoa possa perceber as circunstâncias como a possibilidade de aprender o caminho, caminhando, que tudo aquilo de que a pessoa faz experiência o ajuda a aprender. Não deve imaginá-lo ou se separar da experiência: o método que Dom Giussani nos propôs é a experiência. E se a pessoa aceita participar desta aventura, a

partir da própria experiência, ele mesmo tem na experiência mesma a confirmação da razoabilidade de fazê-lo. Porque tantas pessoas vivem no mundo, mas estão confusas. Um de vocês me escrevia: “Um amigo confessou invejar o modo com o qual nós, amigos educados no movimento, nos colocamos diante da realidade nos interrogando, deixando-nos educar continuamente; e estou muito consciente desta graça”. Isto é dito por “alguém de fora”: olhando-nos, sente inveja. Às vezes, o Senhor nos faz encontrar um amigo que se dá conta da graça que nós temos. A única questão é que nós podemos simplesmente repetir mecanicamente certas frase que dizemos entre nós como se fossem *slogans* ou como se fossem palavras de ordem, como se estivéssemos repetindo o vocabulário do Movimento, e trocar esta repetição pela experiência. Seria um erro total, porque isto não é seguir Dom Giussani, como nos dissemos nos Exercícios ou na carta que eu escrevi depois do Sínodo: Dom Giussani diz que seguir quer dizer partilhar a experiência de outra pessoa, participar da experiência de outra pessoa, que nos tocou; como eu desejava, quando olhava Dom Giussani, aprender a modalidade com a que ele olhava, participar na sua experiência. E, aos poucos, se a pessoa deseja, se a pessoa se empenha, se a pessoa aceita participar da sua experiência, aprende. Esta é uma das coisas mais preciosas que ele nos deixou, porque equivale a dar “o” instrumento; não temos nenhuma varinha mágica em especial, não temos nenhuma palavra de ordem; temos aquilo com o que o Mistério nos lançou no mundo. Quando penso a respeito, fico maravilhado sempre: quem Se arriscou mais foi Deus, que nos lançou no mundo com a confiança no nosso detector (o coração, a experiência elementar, todo o desejo de plenitude que temos), a fim de que pudéssemos comparar tudo com isso. E se a pessoa o faz sistematicamente, como dizia Dom Giussani, se dará conta de que a experiência nunca nos engana. Ofereceu-nos um instrumento para o caminho que, para mim, foi decisivo no encontro com o Movimento. É possível para todos. Eu os convido a participar, não a repetir

simplesmente as coisas, mas a se identificarem, a reviverem a experiência que veem nas pessoas que os acompanham. Obrigado. Bom caminho.